

## PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS E SINGULARIDADES LINGÜÍSTICAS QUE POSSIBILITAM EDUCADORES/AS DESENVOLVEREM AMBIENTES DE APRENDIZADO E CAMINHOS PARA A SUPERACAO DE SITUAÇÕES LIMITES

Waldeir Eterno<sup>1</sup> – [waldeireterno@gmail.com](mailto:waldeireterno@gmail.com)  
Barbra Sabota<sup>2</sup> – [barbrasabota@gmail.com](mailto:barbrasabota@gmail.com)

### Introdução

Aprender – verbo infinitivo do *latim apprehendere, tomar, agarrar, apoderar-se, compreender - ir adquirindo o conhecimento de - Estudar*. Habilidade que os seres humanos, ao longo de sua história, vêm desenvolvendo em vista da sobrevivência, da vida em grupo e da superação de limites. Ação universal e informal, que ao longo da história da humanidade, por opções e intenções sistêmicas, inicia-se a privatização, verticalização e a formalização de uma das maiores e gratuitas riquezas da experiência humana. Aprender começa a ter lugar, forma, pessoas responsáveis e até certificação.

### Revisão de Literatura

Cunha (2000), no artigo “A escola contra a família”, apresenta-nos que, a partir do século XVII, a escola foi pensada como agência de apoio à família, como complementação ao processo de educação. A escola começa a ser uma espécie de extensão da família, os adultos ficam disponíveis para outras ocupações relevantes na sociedade (trabalho e produção), instaura-se um convênio não declarado na educação dos filhos. Inicia-se então, a transposição do modelo de divisão social do trabalho para a escola. Já em seu nascer a escola é uma instituição de promoção da distinção entre as classes sociais. Ela torna-se indispensável, não haveria formação, se não fosse neste ambiente. Alguns conflitos educacionais emergem a partir do século XVIII, sendo que os princípios das famílias brasileiras estavam distantes dos princípios da escola. Costa (1979) nos apresenta a família colonial que possuía uma grande sociabilidade interna, presença dos escravos, extremamente patriarcal, somente o pai tinha relação com o exterior, grande irrelevância da existência das crianças. A família colonizada, famílias menores, com afastamento dos escravos e dos parentes que distantes estavam dando lugar à família nuclear. A partir do século XIX, o movimento higienista buscava modernizar a família Brasileira. Segundo o autor, o movimento era contrário ao modelo da família colonial e colonizada, e trazia uma perspectiva de “indivíduo urbano” com diversas características que vão traçado a identidade da família. Começam-se as inspirações para o surgimento dos internatos, direcionados às famílias das classes mais abastadas, onde havia o estabelecimento dos padrões e regras voltadas a produção do indivíduo saudável, cidadão decente e honesto,

<sup>1</sup> Pós-graduando do mestrado interdisciplinar em Educação, linguagens e tecnologia, UEG-Anápolis(GO).

<sup>2</sup> Professora do curso de Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias, UEG(GO).

responsável pelo futuro da nação. Uma escola apoiada em fundamentos científicos e agora renovada, faz-se necessária a partir do final do século XIX com a chegada da Primeira República. O autor afirma que a necessidade a partir de então, seria abrir a escola para todos, inclusive às classes sociais mais pobres, com a ideia de modernizar a sociedade brasileira através da escola. Nos anos 20/30, com a Escola Nova, os saberes científicos (psicologia, biologia e ciências sociais) conseguem aprofundar mais seus conhecimentos sobre a infância e assim, aplicar os procedimentos educacionais, preparando o educando para responder aos requisitos da nova sociedade. Percebe-se uma maior abertura para as particularidades individuais no processo de ensinar e aprender. Há aqui duas contraditórias tendências, a supervalorização do indivíduo e privilégio das exigências da ordem social. Porém, coloca-se em primeiro plano a norma e em segundo a liberdade do indivíduo. A renovação educacional compõe-se sob o trinômio: saúde, moral e trabalho, num empenho normatizador, onde a família deveria enquadrar-se ou ser enquadrada nestes princípios. De acordo com Costa (1979) a educação das crianças deixa de ser responsabilidade dos pais e passa à alçada dos poderes públicos.

A preocupação com os pobres emerge nos anos 20/30 com a modernização, sendo culminante nos anos 50. Temos uma escola contra os pobres, todos e não necessariamente todas dessa categoria precisam de educação, para não se tornarem obstáculos ao desenvolvimento social. Segundo o autor a pobreza é vista como ‘deformação’ a identidade da pessoa, quanto pior fosse o meio, piores seriam as pessoas, a pobreza material ocasionava pobreza espiritual, má formação do caráter e até mesmo desvio psíquico. Cabia à escola lutar contra a família, pois esta é a antítese do meio escolar, que reduz a pó os bons ensinamentos dos professores. A partir desta concepção, os alunos seriam os intermediários entre os saberes científicos dos professores e os costumes nocivos dos lares. A escola tinha o papel de atuar como dispositivo normatizador dos desviantes, com a vantagem da intervenção dos psicólogos para esmiuçar pormenores da vida doméstica.

O autor destaca que nos anos 60/70, a partir das teorias de “deficiência cultural” e “educação compensatória”, reforça-se o discurso desqualificador. Diagnostica-se que as crianças de famílias pobres possuem déficit de aprendizagem, que gera prejuízo individual, mas também institucional e financeiro. É preciso trazer as crianças mais cedo para a escola, dando início assim a pré-escola. Houve um processo histórico de desqualificação da família para educar e da elevação da escola ao patamar de único dispositivo capaz de fazê-lo. Costa (1979) afirma que não existe a família idealizada pela escola, nem tanto, a escola idealizada por pais e professores, como agência onipotente capaz de formar personalidades segundo altíssimos padrões científicos. No entanto, percebe-se que a burguesia não deixou de buscar soluções específicas, instaurando e legitimando nichos de educação escolar acessíveis às famílias de elite, ou seja, novas redomas pedagógicas. O que fazer com as famílias pobres? Uma vez que o discurso que se mantêm é repleto de visões preconceituosas, onde os/as educandos/as aparecem como depositários de promiscuidade, amoralidade, anti-socialidade e deficiência. Deparamo-nos com uma realidade social excludente e uma escola conivente e omissa.

II SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO, LINGUAGEM E TECNOLOGIAS  
X SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO, MODERNIDADE E CIDADANIA  
X SEMINÁRIO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS

13 a 17 de maio de 2013

COMUNICAÇÃO ORAL

É preciso encontrar lacunas para o florescimento de novas ideias e práticas. Gardner (1995) nos ajuda a compreender a necessidade de olhar para as especificidades presentes no ambiente escolar e principalmente enxergar e identificar o/a estudante e suas singularidades, seu estilo de aprendizagem e as inteligências que ele/a acessa para a resolução de problemas e/ou superação de situações limites que são encontradas dentro e fora da sala de aula, desmistificando a ideia de que a escola é o mais qualificado lugar da aprendizagem. Freire (1978) ultrapassa os limites da escola e trabalha a concepção da interação dialógica como meio de aprendizagem, assim como para Gardner (1995) e Freire (1996) – a concepção de resolução de problemas - superação de limites está para além da escola e fora do controle do educador, pois é o educando com suas fragilidades e potencialidades que acessa suas inteligências e promove a superação das situações limites que ele mesmo enfrenta ao longo da vida. Gardner (1995) compreende que entender o/a estudante é enxergá-lo como sujeitos que independente do educador, já acessa suas potencialidades e inteligências, porém o educador pode através da interação e relação com o/a educando/a colaborar para que o próprio educando/a perceba suas variadas formas de aprender, compreenda suas potencialidades e saiba explorar suas inteligências a favor de seu próprio desenvolvimento e aprendizado. O autor postula uma compreensão profunda do que seriam as inteligências múltiplas, ampliando o olhar sobre o ser humano e seu processo de aprendizagem. Tendo a inteligência sinestésica haver com habilidade para resolver problemas ou criar produtos através do uso de parte ou de todo o corpo. É a habilidade para usar a coordenação grossa ou fina em esportes, artes cênicas ou plásticas no controle dos movimentos do corpo e na manipulação de objetos com destreza. A interpessoal lida com a habilidade para entender e responder adequadamente a humores, temperamentos motivações e desejos de outras pessoas. A intrapessoal lida com a habilidade para ter acesso aos próprios sentimentos, sonhos e ideias, para discriminá-los e lançar mão deles na solução de problemas pessoais. A lógico-matemática refere-se à sensibilidade para padrões, ordem e sistematização. É a habilidade para explorar relações, categorias e padrões, através da manipulação de objetos ou símbolos, e para experimentar de forma controlada; é a habilidade para lidar com séries de raciocínios, para reconhecer problemas e resolvê-los. A musical trata da habilidade para apreciar, compor ou reproduzir uma peça musical. Inclui discriminação de sons, habilidade para perceber temas musicais, sensibilidade para ritmos, texturas e timbre, e habilidade para produzir e/ou reproduzir música. A espacial tem haver com a capacidade para perceber o mundo visual e espacial de forma precisa. É a habilidade para manipular formas ou objetos mentalmente e, a partir das percepções iniciais, criar tensão, equilíbrio e composição, numa representação visual ou espacial. Já a inteligência linguística tem haver com sensibilidade para os sons, ritmos e significados das palavras, além de uma especial percepção das diferentes funções da linguagem. É a habilidade para usar a linguagem para convencer, agradar, estimular ou transmitir ideias.

Quando se fala no uso da linguagem, a interação, o diálogo e a colaboração, é necessário e importante destacar os trabalhos de Vygotsky ao estudar a linguagem como instrumento psicológico e como *“os artefatos, servem como mediadores para a atividade mental do indivíduo, e, conseqüentemente, influenciam a sua zona de desenvolvimento*

*proximal*” (FIGUEIREDO, 2006, p. 13). Ainda, nesse sentido, falar de palavra, diálogo e interação é também falar em Bakhtin, pois, conforme Stella (2005, p. 181), a compreensão da palavra é o resultado de um “*processo de confronto e interpretação*” e que “*proporciona uma reavaliação, uma modificação e o surgimento de um novo signo na consciência, resultado do contato e da assimilação pelo sujeito da palavra do outro*”. Sendo assim, a carga ideológica constituída pela ação discursiva do sujeito bakhtiniano irá emergir nos encontros casuais, nas situações do dia-a-dia. Também como parte da questão dialógica, destacamos o modo como o/a estudante responde ou se dirige ao outro/a. O endereçamento (*addressivity*) pode ser, então, compreendido conforme Orr (2005, p. 62) como uma “*adaptação discursiva recíproca*” na qual o ouvinte lança mão de estratégias comunicativas contextualizadas em resposta aos enunciados do falante. Dessa forma, o Eu tenta contextualizar a ideologia e a intenção do Outro para, por sua vez, ao desempenhar o seu papel como falante, garantir a possibilidade de ser também portador de convencimentos, estímulos, transmissão de ideias e de intenções ideológicas em seu discurso. A questão dialógica também se complementa através da discussão a respeito do princípio de agência, Vitanova (2005, p. 152), “*o enunciador não libera o Eu de sua constituição discursiva, mas se origina a partir da habilidade do Eu de criar novas oportunidades ao estabelecer a Sua voz*”. Para Bakhtin (1997), “*o ouvinte é sempre um respondente ativo*”. De acordo com Braxley (2005), ele pode ser o próximo elo na corrente.

## Metodologia

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa bibliográfica. Sendo uma pesquisa bibliográfica um método por excelência de que dispõe o pesquisador, sem com isso esgotar as outras manifestações metodológicas. O trabalho aqui apresentado é resultado da intersecção de duas disciplinas de diferentes programas de pós-graduação. (processos pedagógicos, mediações e tecnologias e a outra juventude e educação). Trata-se de uma investigação de caráter exploratório-descritivo, com uma metodologia de tipo qualitativo, baseada fundamentalmente na leitura, discussão e análise de vários artigos, um profundo estudo investigativo, no afã de obter um olhar mais sensível e detalhado na direção de princípios metodológicos e singularidades linguísticas que possibilitam educadores/as desenvolverem ambientes de aprendizado e caminhos para a superação de situações limites.

## Conclusão

As potencialidades humanas e as suas singularidades linguísticas precisam estar sempre em observação, para serem melhores compreendidas por educadores e pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento na busca de metodologias e caminhos para desenvolvimento de ambientes que proporcione uma melhor aprendizagem. Gardner (1995)

entende que para a resolução de qualquer problema o educando acessa suas inteligências buscando meios de superar algum limite, tudo depende das diferentes formas de estímulos e da real necessidade de superação do específico limite enfrentado. Compreende-se então, a partir desta concepção que o ensino deve ser contínuo, desafiador e que sempre procure estimular a superação de situações limites. Para o autor não é possível fazer educação sem primeiro considerar as singularidades. A partir das contribuições de Freire, Silva (2007) nos apresenta princípios metodológicos como a escuta, o diálogo, as falas significativas, o tema gerador, o contra tema, o rigor metodológico, a construção coletiva, a situação limite e a superação da situação limite. São princípios que nos ajudam a restabelecer o diálogo entre professores/as e estudantes, e, sobretudo, a valorizar a educação primeira de cada pessoa e de cada família. É preciso outra concepção de ambientes de aprendizado, espaço de diálogo de interação e mútua ajuda, ambiente acolhedor, de desenvolvimento de processos educativos, concepções dialéticas. Os/as educadores/as necessitam se sentir afetivamente e metodologicamente capazes de trabalhar com as demandas dos/as educandos/as reconhecendo suas linguagens, suas culturas, seus legados familiares, suas afetividades e suas formas de afirmação de identidade. Tais concepções contribuem para um aprendizado que os ajudem na constituição de suas ideologias, na forma de estar e fazer presença no mundo, na sociedade, na escola e na família. É preciso um ambiente que os/as respeitem, considerem seus desejos, fragilidades e potencialidades e leve a sério sua educação.

### Referências Bibliográficas

- BRANDÃO, H. *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*: UNICAMP, SP, 1997.
- COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- CUNHA, M.V.; LOPES, T.E.M. et al. (Org.). *A escola contra a família*. 2000.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 8. edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- \_\_\_\_\_(1996) *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- \_\_\_\_\_*Pedagogia do oprimido*. 18. edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- GARDNER, Howard. *Estilos de aprendizagem e inteligências múltiplas*. Artmed, 1995.
- SILVA, Antônio Fernando Gouvêa. *A busca do tema gerador na práxis da educação popular*. 2 edição. Curitiba: Cefuria, 2007.